

## O POEMA “O CORVO” DE EDGAR ALLAN POE (1809 – 1849); COMPARAÇÃO DE DUAS TRADUÇÕES EM PORTUGUES - MACHADO DE ASSIS E FERNANDO PESSOA: REFLEXÕES PARA O ENSINO DE ESTUDOS DA TRADUÇÃO

João José Caluzi<sup>1</sup>; Cássia de Souza Pardo-Fanton<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Centro de Ciências Humanas, Grupos de Pesquisa “Ensino de Língua e Literatura” e “Estudos da Tradução” – caluzi@gmail.com; <sup>2</sup>Centro de Ciências Humanas, Grupos de Pesquisa “Ensino de Língua e Literatura” e “Estudos da Tradução” – cassiafantoni@gmail.com

### RESUMO

Comparamos duas traduções em português do poema “O corvo”, de Edgar Allan Poe (1809 – 1849), como estratégia didática para o ensino de tradução. O poema apresenta uma estrutura que foi discutida e analisada em outro texto de Poe: *A Filosofia da Composição*, publicado em 1846. Talvez daí, venha o fascínio pela tradução do poema, que tem, pelo menos, 20 traduções para o português. Aqui, realizamos uma análise comparativa de duas traduções bastante conhecidas: a de Machado de Assis e a realizada por Fernando Pessoa. A principal dificuldade é manter a forma e o conteúdo na tradução. Fernando Pessoa consegue manter a forma, mas teve dificuldades de apresentar as imagens sugeridas por Poe. Machado, por sua vez, apresenta uma tradução mais próxima da versão francesa de Charles Baudelaire, do que o poema original.

**Palavras-chave:** Tradução de poesia. Edgar Allan Poe. O corvo.

### 1 Introdução

O objetivo deste trabalho, ainda em andamento, é comparar duas traduções do poema *O corvo* de Edgar Allan Poe (1809 – 1849) como estratégia para o ensino de tradução. Discutiremos o poema apresentando as dificuldades de tradução devido à sua estrutura poética. Como exemplo, trazemos duas traduções em português: a realizada pelo escritor brasileiro, Machado de Assis (1839 – 1908) e a do escritor português, Fernando Pessoa (1888 – 1935). Também apresentaremos as sugestões teóricas do matemático e tradutor Cláudio Abramo para a tradução de poesias e do teórico da tradução belga, André Lefevere (1945 – 1960). Concluímos com uma reflexão sobre as propostas teóricas apresentadas para a tradução de poesias e sua possível utilização no ensino de Estudos da Tradução.

### 2 O poema corvo

O poema foi publicado, originalmente, no *New York Evening Mirror*, em 29 de janeiro de 1845 (POE, 1845). O poema exerceu grande fascínio sobre os poetas simbolistas franceses, principalmente em Charles Baudelaire (1821 – 1867) e Stéphane Mallarmé (1842 – 1898), que publicaram suas versões em francês em 1853 e 1875, respectivamente. Contudo, a tradução de Baudelaire não foi a primeira versão em francês, que foi publicada em 01/03/1853. Uma primeira versão, anônima, saiu em 09/01/1853, no *Journal D’Alençon*. A

partir de então, o poema teve traduções em diversas línguas. Somente para o português, foram feitas mais de 20 traduções no Brasil e outras cinco em Portugal. Existem mais de 120 traduções para o poema nas línguas neolatinas (ABRAMO, 2011). O grande fascínio dos tradutores pelo poema deve-se, talvez em parte, a outro trabalho de Poe (1846): *The philosophy of composition*. Neste texto, o escritor utilizou o poema “*O corvo*” como exemplo de seu método de criação.

Uma síntese do poema é: O narrador, um homem desolado com a morte da mulher amada (Lenora), está em uma sala, meio sonolento, lendo livros de doutrinas antigas. Alguém bate à sua porta e depois, à janela. Ao abri-la, permite a entrada de um corvo, que pousa no alto da porta, sobre a cabeça da deusa Palas. Inicia-se um aparente diálogo entre o homem e o corvo, ao que este sempre responde “Nunca mais!”. O diálogo culmina na última pergunta: se o narrador encontrará novamente sua amada no paraíso, eis a estrofe na tradução de Fernando Pessoa (ABRAMO, 2011 p. 112):

"Profeta!", disse eu. "profeta – ou demônio ou ave preta!  
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.  
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida  
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!"  
Disse o corvo, "Nunca mais".

## 2.1 Conteúdo e forma

Em seu tratado sobre a filosofia da composição, Poe busca desmistificar a feitura de um poema como fruto da inspiração. Para ilustrar seu ponto de vista, a de que a construção de um poema é racional, ele toma o poema “*O Corvo*” como exemplo de seu método. Ele inicia perguntando o que causa mais efeito no leitor e chega à conclusão que o efeito máximo é causado pela Beleza. Podemos falar da Beleza de diversas maneiras, com alegria, júbilo, tristeza, melancolia. Ele opta por um tom melancólico no poema, tendo como tema a morte do ser amado. O que pode ser pior que a morte do ser amado? A certeza que nunca mais o encontraremos. Assim, para Poe, este seria o clímax do poema, que foi apresentado na estrofe citada acima.

Estabelecido o conteúdo, qual seria a forma? Para Poe, um poema, para causar o efeito desejado, deve ser lido em uma única “sentada”. Chega à conclusão que a extensão ideal seria de 108 versos, divididos em 18 estrofes, de seis versos. Em sua opinião, devemos manter uma unidade de efeito no poema. Tendo utilizado Lenore como nome da amada, ele escolhe como refrão: *Nevermore*. Este será repetido várias vezes, ao longo do poema. Assim, um ser racional não poderia repeti-la, sem despertar estranhamento. Em seguida, escolhe o ator principal: O corvo. Além destes elementos, a versificação deveria ser original. Ele utiliza o octâmetro trocaico com rimas internas. Em nosso trabalho, discutiremos apenas a primeira estrofe:

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,  
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,  
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,  
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door.  
“T” is some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door –  
Only this, and nothing more.”

## 2.2 As traduções de Fernando Pessoa e Machado de Assis

Na tradução de Fernando Pessoa, ele busca manter a forma com as rimas internas e externas, como podemos ver abaixo.

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais.  
É só isto, e nada mais."

Penso que a força do primeiro verso, com “midnight dreary” se perde com a tradução para “meia-noite agreste”, pois “dreary” não está no mesmo campo semântico de “agreste”. Outro ponto importante é o que o personagem está lendo: “a quaint and curious volume of forgotten lore”. “Lore” refere-se a um corpo de conhecimento, em geral, não escritos e para Pessoa “vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais”. Podemos associar, na versão original, as batidas na porta com a leitura que ele está fazendo. Na tradução de Pessoa, por sua vez, não somos levados a tal suposição.

Transcrevemos, a seguir, a tradução proposta por Machado de Assis, que dividiu os versos ao meio.

Em certo dia, à hora, à **hora**  
Da meia-noite que apavora,  
Eu, caindo de sono e exausto de **fadiga**,  
Ao pé de muita lauda **antiga**,  
De uma velha doutrina, agora **morta**,  
Ia pensando, quando ouvi à **porta**  
Do meu quarto um soar devagar**inho**,  
E disse estas palavras **tais**:  
"É alguém que me bate à porta de mans**inho**;  
Há de ser isso e nada **mais**."

Um aspecto importante da tradução de Machado foi identificado por Abramo (2011, p. 76), que suspeita que Machado traduziu a partir da versão de Baudelaire<sup>1</sup>. Nesta estrofe, ele observa isto no verso “De uma velha doutrina, agora morta”, que poderia estar relacionado com a expressão “d’une doctrine oubliée”. Ambas vagas, enquanto Poe foi mais preciso no verso: “Over many a quaint and curious volume of forgotten lore” – a forgotten lore.

## 3 Os estudos tradutórios e a tradução de poesia

Cláudio Weber Abramo (2011 p.10), ao iniciar a discussão sobre a tradução realizada por Fernando Pessoa (PESSOA, 1976), apresenta as dificuldades da tradução poética. O tradutor, em geral, deve optar pela forma ou pelo conteúdo. A maioria dos tradutores tenta

---

<sup>1</sup> « Une fois, sur le minuit lugubre, pendant que je méditais, faible et fatigué, sur maint précieux et curieux volume **d’une doctrine oubliée**, pendant que je donnais de la tête, presque assoupi, soudain il se fit un tapotement, comme de quelqu’un frappant doucement, frappant à la porte de ma chambre. « C’est quelque visiteur, — murmurai-je, — qui frappe à la porte de ma chambre; ce n’est que cela, et rien de plus. »

manter a forma e isto, na opinião de Abramo, torna o poema traduzido de difícil compreensão. Para ele, uma boa solução é apresentar o conteúdo do poema para, depois, o tradutor buscar uma tradução na qual a forma é mantida. Assim, o leitor pode apreciar o conteúdo do poema e a arte do tradutor em se aproximar de sua forma original.

A tradução poética é mais artística do que técnica, visto que a poesia é, por excelência, de difícil tradução, já que reflete a visão de mundo peculiar de determinada cultura. Segundo Rónai (1981), “no exercício da tradução poética, mais do que dominar [...] com facilidade um par de línguas, precisamos de inspiração momentânea, de intuição. Quanto maior o domínio que temos de uma língua, mais desenvolvido nosso ‘instinto misterioso’, que nos leva a fazer determinadas escolhas em detrimento de outras, em busca do ideal estilístico.”

Segundo Susan Bassnett (2003), no campo da tradução literária, tem-se dedicado muito mais tempo à investigação dos problemas suscitados pela tradução da poesia do que de qualquer outro modo literário. Muitos dos estudos que investigam estes problemas são, ou avaliações de diferentes traduções de uma obra, ou testemunhos pessoais de tradutores sobre o modo como resolveram certos problemas. Raramente, os estudos sobre tradução de poesia tentam discutir problemas metodológicos a partir de uma posição não-empírica, porém, este é, precisamente, o tipo de estudos mais valioso e mais necessário.

André Lefevere, em seu livro “*Translating Poetry, Seven Strategies and a Blueprint*”, sobre os métodos utilizados pelos tradutores ingleses na tradução do poema 64, do poeta latino Catulo (87 ou 84 a. C. – 57 ou 54 a.C.) (BASNETT, 2003, p. 137):

1. Tradução *fonêmica*, que procura reproduzir o som da língua de partida na língua de chegada;
2. Tradução *literal*, tradução palavra por palavra;
3. Tradução *métrica*, reprodução da métrica original;
4. Tradução *de poesia para prosa*, distorce o sentido, o valor comunicativo e a sintaxe do texto original;
5. Tradução *rimada*, submissão ao metro e a rima;
6. Tradução *em verso branco*, impõe-se restrições ao tradutor, mas obtém-se um rigor maior e literalidade;
7. *Interpretação*, por versão, mantêm-se o conteúdo e altera-se a forma; ou por imitação, pouca relação com o poema na língua fonte.

#### 4 Conclusões

Apresentamos, ainda que brevemente, uma discussão sobre a tradução de parte do poema de Poe “*O Corvo*”. Notamos que a principal dificuldade é manter a forma e o conteúdo na tradução. Podemos manter a forma, como proposto por Fernando Pessoa, mas sacrificamos as imagens sugeridas por Poe. Outro aspecto importante foi apontado por Abramo (2011, p. 76), com relação à proximidade da tradução realizada por Machado, a partir da versão francesa de Baudelaire. Também é importante, para os Estudos da Tradução refletir sobre a escolha feita por cada tradutor e analisá-las com os métodos identificados por Lefevere, nas traduções do poema 64 de Catulo.

#### Referências

ABRAMO, Cláudio Weber. **O Corvo: gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe**. São Paulo, 2011. 197 p.

BASSNET, Susan. **Estudos de tradução**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, 242 p.

POE, Edgar Allan. The Raven. **American Review**, v. 01, p. 145 – 147, 1845.

\_\_\_\_\_. The philosophy of composition. **Graham's American Monthly Magazine**. V. 28, p. 163 – 167, 1846.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

RÓNAI, Paulo. **Tradução vivida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.